



<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>

HISTÓRIA DO AMOR NO BRASIL

HISTÓRIA DO AMOR NO BRASIL

Mary Del Priore

EDITORIA
Contexto

Copyright© 2005 Mary Del Priore
Todos os direitos desta edição reservados à Editora Contexto (Editora
Pinsky Ltda.)

Ilustração de capa
Waldomiro Sant'Anna, "Os namorados"
(Óleo sobre tela)

Montagem de capa e diagramação
Gustavo S. Vilas Boas

Revisão
Dida Bessana
Ruy Azevedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Del Priore, Mary
História do amor no Brasil / Mary Del Priore. 2. ed. —
São Paulo : Contexto, 2006.

Bibliografia.
ISBN 85-7244-304-5

1. Amor - Brasil - História 2. Casamento 3. Paixões I. Título
05-7035 CPD-302.30981

Índice para catálogo sistemático:
1. Brasil : Amor : Sociologia : História
302.30981

EDITORA CONTEXTO
Diretor editorial: *Jaime Pinsky*
Rua Acopiara, 199 — Alto da Lapa
05083-110-São Paulo-SP
PABX: (11) 3832 5838
contexto@editoracontexto.com.br
www.editoracontexto.com.br

2006

Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.



*Este livro não é endereçado aos
eruditos nem àqueles que julgam que
um problema prático não parece ser
tema de conversa.*

Bertrand Russel, *Conquest of happiness*.

*Este livro é dedicado à memória de Jean-Louis Flandrin, amigo e
professor.*

Sumário

INTRODUÇÃO

PRIMEIROS TEMPOS

Brasil Colônia: o ideal do amor domesticado

Amor, este inimigo!

Casamento: negócio para a vida toda

Prazer distante

Na terra de Santa Cruz, como o Diabo gosta

Poemas, beliscões e tosse: a sedução cotidiana

A magia erótica

Ciúme e zelo

Paixão e violência

“Vamos deitar-nos

Como tudo começou: amor no Velho Mundo

O passado amoroso descomposto

O afeto vivido nas letras

Em tempos d’El Rei

Dores de amores

A dieta do amor

Dois amores?

SÉCULO XIX

Metereologia das práticas amorosas

Amores e namoros: de longe

Dança, festas e recitais: o encontro possível

Amores em engenhos e sobrados do Nordeste

Na garupa! Seduzidas e raptadas

Aparência e sedução

Pés e mãos: objetos de desejo

Casamentos arranjados, casamentos por interesse

Matrimônio: um contrato social

Julie nos trópicos

De príncipes e sapos ou da arte de engoli-los

Amores vindos de longe

Entre quatro paredes

Amores escravos e amores mestiços

A dupla moral e as santinhas de pau-oco

As cortesãs

Ainda cocotes e putas

Perigos: sífilis, “pica mole” e onanismo

A perigosa sexualidade feminina
Livros para se ler apenas com uma das mãos
Homossexualidade e doença
Amores de papel
Maneiras mestiças de dizer o amor
Um século hipócrita?

SÉCULO XX

Da modinha à revolução sexual

Mudanças de corpo e alma
Música e dança
Transformações na família
e em tudo mais
Esportes: novo padrão de beleza
O eterno casamento
 Escolhas para toda a vida
 Sexo e matrimônio
 A nova mulher e as uniões livres
Os crimes passionais
Enquanto na fábrica:
o amor “visto de baixo”
Amor e samba
Amor nas telas
O namoro
Anos 30, 40 e 50
Imprensa conselheira
Amor entre iguais
A revolução sexual. Mas qual?
A vitória do indivíduo?

500 ANOS DE AMOR

Conclusão

BIBLIOGRAFIA

ICONOGRAFIA

A AUTORA

Introdução

Paris, 1760: um rumor agita a cidade. Os livreiros da rua Saint Jacques entrincheiram-se no fundo de suas lojas. Na frente de vitrines e portas, a massa aglomerada pede aos gritos: “Julie, Julie”. Todos querem saber notícias. Já havia deixado Amsterdã? Viera por terra ou por mar? Informações pessimistas circulam. As pessoas inquietam-se. Por mar, nesses tempos de neblina... ? Não teria havido fogo a bordo? Peste? O barco de Julie, por acaso, não teria sido vítima de um iceberg no mar Báltico? Entretanto, ela chega, finalmente, às vésperas do Carnaval. E, de fato, nos últimos dias de janeiro de 1761, pessoas estapeiam-se para conseguir um exemplar dessas cartas de dois amantes moradores de uma pequena cidade ao pé dos Alpes em que se conta a história de Julie, doente de amor por seu professor, cujo trágico destino se encerra com um mergulho em um lago gelado. Esgotado rapidamente, o livro passou a ser alugado por dias e mesmo por horas de leitura. A histeria em torno de uma história de amor é generalizada.

Enquanto na Europa, o filósofo das Luzes fascina milhares de leitores com sua Julie, na manhã quente dos trópicos, algumas décadas mais tarde, uma certa Júlia acorda tarde. O prazer de “estar sempre deitada” mistura-se à desordem dos folhetins românticos que, amassados, ela escondia sob o travesseiro. Conta-nos o narrador: “Júlia lia, sempre antes de levantar-se; identificava-se naquela leitura; tinha interesse nas mortes dos personagens [...] nos adultérios; sentia-se apaixonada e com o desejo de fazer o mesmo [...] à tarde vinha para a janela, esperava a noitinha; o namorado passava”; na sala, sua mãe não a via receber uma carta e falar debruçada. “Lia a carta à noite, e com expansões exageradas imitadas dos romances, sentia lágrimas, o coração apertava-se-lhe”.

Ah! O amor... esse milagre de encantamento, espécie de suntuoso presente que atravessa os séculos. Espécie de maravilhamento sobre o qual somente os artistas, e talvez os amantes, possam nos dizer alguma coisa. Feito de encontros inesperados ou de acasos favoráveis, ele é como um choque violento que eletriza, cega, encanta. Deixa-nos perdidos. E — tarde demais — perdidamente enrolados. O choque provoca reações em cascata: desejo ou paixão que se manifestam na impaciência dos olhos, do coração, de todo o corpo. Fabricada por aparições, cartas, telefonemas, essa concentração sobre um objeto, essa nostalgia de um lugar utópico, enfim, reencontrado, se traduz na descoberta de um ser que passa a ser o único bem, a pátria, enfim, o centro de tudo!

Os amantes, por sua vez, gozam de sentimentos inexplicáveis de ordem irracional ou inconsciente. Sofrem emoções como quem sofre golpes. Passam por mil martírios. Descobrem-se vítimas de uma ferida recebida sem que se saiba como. Seu sentimento é inexplicável e, portanto, inexprimível, salvo pela literatura ou pela poesia, cujo jogo retórico, metáforas e figuras de linguagem nos falam de um amor, que se quer singular, excepcional, reconhecível entre mil outros amores. Um amor que busca romper com velhas receitas, com fórmulas banais e com os clichês que se lhe impõem os costumes, as leis e as rotinas sociais. Amar é antes selecionar o eleito do coração. E notar, é colocar a parte, é singularizar. Um, ou uma, entre todos. Um rosto, um nome. Isso implica a seleção que entroniza o objeto como excepcional. O eleito é distinto: superior como um rei ou distante como uma estrela. O amor, dirá finalmente alguém, é um problema de vida, de ordem sensível, de estética e poética, não de conceitos,

Como vê o leitor, assim como outros imperativos — comer ou beber, por exemplo —, o amor e suas práticas estão inscritos em nossa natureza mais profunda. Cada cultura reserva-lhe um espaço privilegiado em seu sistema, representando-o à sua maneira. Há quem diga até que ele é uma invenção do Ocidente. E o amor não muda só no espaço, mas no tempo também. O de ontem não é o mesmo de hoje. Isso porque, diferentemente dos tubarões, o amor e

as formas de amar se transformam ao longo dos séculos. Mas o leitor deve estar se perguntando se seria possível entrever, graças à História, como se comportaram nossos ancestrais em relação a esse sentimento. Como viveriam prazeres e dores em sua vida. Conseguiríamos surpreender quais paixões ou simples brincadeiras amorosas podem ter provocado experiência, felicidade ou dramas pessoais na vida de nossos antepassados? Qual a natureza da intimidade entre homens e mulheres? Onde aparecia o desejo? Nossa vida amorosa é diferente da dos nossos avós?

Diferente, sim, sem sombra de dúvidas. Desde a década de 1970, numerosas transformações ocorridas no campo dos costumes e da vida privada, não deixam dúvidas quanto ao assunto. A pílula e as discussões sobre o aborto, o feminismo e os movimentos de minorias, a progressão das uniões livres, os corpos nus expostos na mídia e na propaganda, enfim, a liberação da palavra e do olhar mudaram a vida das pessoas e sua maneira de ver o amor. Tal movimento de emancipação de corpos e de espíritos inscreve-se, contudo, na História. Ele começou nas últimas décadas do século XIX, quando as idéias do casamento por amor e da sexualidade realizada se tornaram um dos pilares da felicidade conjugal. Até então, o Ocidente cristão, e nele, o Brasil, vivia uma era de constrangimentos e recalques quase sem limites. Isso desde o momento da chegada dos portugueses ao nosso litoral, quando teólogos costumavam fulminar, de suas cátedras, tudo o que dissesse respeito ao corpo, recusando a noção de prazer e exaltando a virgindade. Essa ética sexual se impôs com maior ou menor rigor, dependendo de épocas e lugares, por muito tempo. E impregnou as mentalidades. Ao associar sexualidade e pecado — o que se fazia até meados do século passado —, essa ética sexual impedia que amor e sexo dessem as mãos.

Exatamente por causa da eficácia dessa cruzada moral contra a associação entre amor e sexo, entre corpo e alma, diversos autores consideram que o amor romântico, tal como o conhecemos, é um fenômeno tardio. Ele teria surgido, apenas, durante o processo de

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

